



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Artes

Tatiana Macedo Altberg

**Modos de Escuta**

**O corpo como câmera, ou a experiência, o jogo e a coisa**

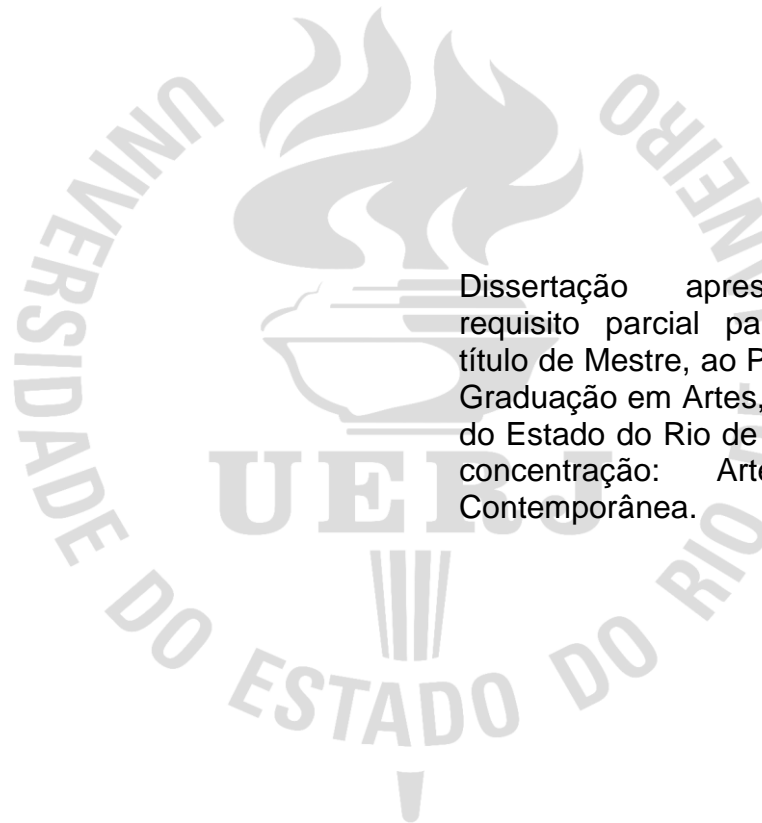
Rio de Janeiro

2022

Tatiana Macedo Altberg

**Modos de Escuta**

**O corpo como câmera, ou a experiência, o jogo e a coisa**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra Maria Luiza Fatorelli

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

A465 Altberg, Tatiana, 1974-.  
Modos de escuta: o corpo como câmera, ou a experiência, o jogo e a coisa / Tatiana Macedo Altberg. – 2022.  
158 f.: il.

Orientadora: Maria Luiza Fatorelli.  
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes.

1. Corpo como suporte da arte - Teses. 2. Arte - Filosofia - Teses. 3. Fotografia artística - Teses. 4. Arte moderna – Séc. XXI – Teses. I. Fatorelli, Malu, 1956-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Artes. III. Título.

CDU 7.036"20"

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Tatiana Macedo Altberg

**Modos de Escuta**

**O corpo como câmera, ou a experiência, o jogo e a coisa**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Aprovada em 05 de julho de 2022.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Luiza Fatorelli (Orientadora)  
Instituto de Artes - UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Marisa Flórido Cesar  
Instituto de Artes - UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Helena Franco Martins  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2022

Dedico este trabalho a todos os seres humanos e mais que humanos,  
visíveis e invisíveis que habitam o não saber.

## **AGRADECIMENTOS**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e com apoio da bolsa Faperj nota 10. Agradeço as instituições de fomento pela possibilidade de fazer a pesquisa de forma remunerada, situação cada vez mais rara no projeto violento de ataque e desmonte a que estão submetidas nossas instituições públicas nos últimos anos.

À coordenadora Luciana Lyra e ao secretário Marcelo Paes, pelos seus esforços para o bom funcionamento do Programa de Pós-graduação em Artes da UERJ.

A Malu Fatorelli, pela orientação, por nossas animadas conversas virtuais, em vigília ou em sonho.

A Helena Martins e Marisa Flórido, pela delicadeza e cuidado com que se relacionaram com minhas metamorfoses. Guardarei comigo as tantas e tão importantes palavras ditas na defesa final.

A Luiza Leite e Leila Danzinger, pelos apontamentos, a partir de leituras generosas que fizeram para a qualificação desta dissertação.

A Inês de Araújo, por ler o trabalho como suplente. Um trabalho de cuidado.

As professoras Inês Araújo, Cristina Salgado, Malu Fatorelli, Isabel Carneiro, Ana Valéria Figueiredo, Aldo Victorio, Alexandre Sá, Leila Danzinger com quem tive o privilégio de fazer cursos extremamente instigantes para o desenvolvimento de escritas, que resultaram no trabalho final.

Às colegas das aulas virtuais Taís Baia, Eloá Carvalho, Aishá Terumi Kanda, Hernani Guimarães, Benedito Ferreira, Felipe Abdala, Lucas Albuquerque, Denise Catilina, Tatiana Henrique, entre tantas outras, que mesmo nessas condições, conseguimos criar algum tipo de laço de afeto.

À comissão de bolsas, da qual fiz parte durante o segundo ano do mestrado, cujos encontros e discussões me ensinaram e fizeram refletir um tantão. Tenho muito orgulho de ter participado desse grupo que mudou os critérios de distribuição de bolsas que priorizavam a produtividade discente, e passaram a priorizar a vulnerabilidade social. Obrigada Isabel Carneiro, Eloisa Brantes, Mauro Trindade, Aline Macedo, Tiago Ribeiro, Kleber Lourenço, foi muito bom trabalhar com vocês.

A Luiza e Marisa Mello, editoras da Automatica, que durante a feitura do livro sobre a minha trajetória para a coleção Arte Bra, que coincidiu com o último ano da pesquisa, tiveram toda a paciência e respeito com meus tempos de reclusão para a dedicação ao mestrado.

A Sofia Karam, pelo seu lindo texto de doutorado. Li-o por indicação de Luiza Leite, quando já estava no meio da escrita. Espantei-me com as ressonâncias, e a partir dele ganhei um pouco mais de coragem para seguir meu caminho.

A Kiti Duarte, por me fazer sentir segura para ficar tanto tempo isolada no mato no momento mais difícil. E depois a Vera Duarte, sua mãe, que me encantava com suas histórias incríveis enquanto me emprestava sua impressora para que eu pudesse organizar a escrita, ainda no mato.

A Tatiana Porto, cujas sessões de análise foram fundamentais para destrinchar questões e para lidar com as angústias surgidas durante o processo de tecitura deste texto.

A Tatiana Podlubny e Cecilia Costa, sempre generosamente dispostas a me ajudar a desvendar os enigmas criados pelos programas que somos obrigadas a usar para que o texto ganhe forma.

A Gabriela Maciel e Sylvia Cardim, por protegerem a estrada para que eu não “chocasse” nenhum passante, morador local, ao fazer as fotos deitada nos troncos das árvores.

A Elonora Fabião, que de perto ou de longe é sempre uma inspiração.

A Paula Delecave, pela troca e escuta tão sensíveis desde sempre e que fez chegar o “Atlas” diretamente das mãos de Gonçalo Tavares para as minhas, sem que eu suspeitasse a importância que ele ganharia em minha travessia. Paulinha foi minha fonte em Lisboa para tantos outros livros cruzarem o oceano.

Ao Dr. Marcelo Bezerra, que me devolveu a possibilidade de dançar sem ter medo de cair.

A Glaucia Saad, mais do que médica, uma sabedora de agulhas e ervas, que me ajudam a equilibrar as energias e a lidar com as dores do corpo. Uma pessoa de escuta fina, cuidado e afeto ímpares com cada paciente. Se todas as médicas fossem como você, seria muito mais fácil atravessar as doenças.

A Silvia Soter, que há tempos vem me ensinando, *lenta e progressivamente*, a entrar em contato com as sutilezas, o infrafino, o invisível, os movimentos mínimos do corpo. Obrigada por tudo Silvia.

A Luiza Leite, amiga-irmã de tantos anos, citada pela terceira vez nesses agradecimentos por ser uma interlocutora constante. Poeta que abre mundos e compartilha comigo, e com tantas outras pessoas de sorte, seu amor pelas palavras.

A todos e todas as companheiras de jornada da canoa Mão na Lata, e a Redes da Maré, por ser a casa de nossos sonhos coletivos. E aos participantes dos processos colaborativos que venho realizando em diversas partes da cidade e fora dela. Agradeço por partilharem comigo tantas histórias. Esses encontros ampliam minhas formas de olhar e ser no mundo, me fazem mais forte. Queria ter espaço para nomear cada pessoa.

A Yanie e Felipe, meus pais, por incentivarem meus projetos de múltiplas formas. E também a Lulu, minha segunda mãe.

E as amadas irmãs Daniela, Marcela e Paula. E especialmente a meu irmão Alexandre, por sempre acompanhar muito de perto os meus processos e cuja casa



em construção fez parte dos ensaios fotográficos. A todos agradeço pela paciência, com as minhas recusas a tantos convites para encontros durante o período de escrita.

Aos amigos e amigas amadas que também me fazem ser quem eu sou. Queria igualmente poder nomear cada um e cada uma, mas é gente que não acaba mais...Vocês sabem quem são.

A cabana feita de árvores que me acolhe com seus bichos; insetos estranhos, pererecas, cobras, pássaros, gambás, calangos, formigas, mariposas... e árvores de todo tipo, uma pequena floresta ao pé de uma imensa pedra-entidade, que vira cachoeira quando chove e deságua em um dos rios mais lindos que já entrei. Terra de belezas e maravilhamentos, eu não poderia desejar melhor lugar para escrever. Para estar e ser.

Como a lista está enorme quero agradecer também ao nosso companheiro cão, o loiô, criatura que é puro amor, encontrado na Maré e que nos ensina diariamente sobre “viver com” e sobre outras formas de parentesco e linguagem.

E um agradecimento mais que especial a Raquel Tamaio, minha amor, *que me mostra o que eu não sei, e me faz ver o que não tem palavra...*

Essa travessia não seria possível sem você. Você foi uma co-orientadora informal, com um olhar mais que preciso e precioso sobre os textos e imagens. Minha leitora mais entusiasta. Sempre junto na estrada, segurando minha mão para entrar nas águas do rio, cuidando das feridas das quedas, tentando me alegrar nos momentos mais pesados. E também vibrando junto a cada nova conquista, a cada novo movimento recuperado. Esteve junto comigo pensando as imagens dos autorretratos. Se colocando no meu lugar para que eu fizesse o foco, o enquadramento, a medição de luz, para depois trocar de lugar e fazer o click. Essas imagens não seriam possíveis sem você. Enfim, não tenho como enumerar tudo, pois tudo é muito, e não cabe aqui.

Todas essas coisas que recolhi ao longo desse tempo, escritas nesse patuá-balaio, ofereço-te. Te dedico minhas descobertas e as tantas coisas que aprendi pelo caminho. Elas são nossas.

## RESUMO

ALTBERG, Tatiana Macedo. *Modos de escuta: o corpo como câmera, ou a experiência, o jogo e a coisa*. 2022. 158 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Esta pesquisa se deu durante os dois primeiros anos da pandemia de Covid 19, e pressupunha pensar a errância, o acaso e o jogo com a cidade, como pontos de partida para escrita. Para além do “fechamento” da cidade e a impossibilidade de praticar a errância e os encontros com outros corpos, em situações mediadas pelo acaso, o corpo da autora, durante o período da escrita, abriu quadros de doenças autoimunes raras que a colocaram diante de outras interdições e estranhamentos. Seu corpo passou a não reconhecer a si próprio. Diante disso surgiram algumas perguntas: como errar, deambular, vivenciar experiências narráveis, gerar histórias, com um corpo que não pode encontrar outros corpos, que não pode sair do lugar? Quando o corpo próprio é o corpo estranho, como dar forma a esse estranhamento? Para dar contorno a essas e outras perguntas que surgiram, a medida que a escrita se tecia e as questões de saúde coletiva e individual se aprofundavam, foram criados novos jogos, outras modalidades de errância, outras possibilidades de percursos. A errância, o jogo, se deram com o que estava ao alcance das mãos; a casa, as memórias, o olhar pela janela, a construção de autorretratos, as imagens de exames médicos e a abertura de livros ao acaso como em um jogo oracular. Nesse jogo oracular os principais interlocutores foram “O Atlas do corpo e da Imaginação” de Gonçalo Tavares e o “I Ching, o livro das mutações”. No entanto o mais importante fio condutor dessa jornada, foi o corpo, não só o corpo em metamorfose da autora, mas um tanto de outros corpos de seres mais que humanos como formigas, árvores, seres mínimos, quase invisíveis, e seres humanos como Stefano Mancuso, Ursula Le Guin, José Gil, Davi Kopenawa, Donna Haraway, Emanuele Coccia, Artavazd Peleshian, Ventura Profana, Regina José Galindo, Eleonora Fabião, Mierle Laderman Ukeles, entre muitos outros, que atravessaram a escrita para compor junto esta teia, este emaranhado de fios que tecem esta dissertação.

Palavras-chave: Escrita de si. Jogos com o acaso. Autorretrato. Corpo como câmera. Errância. Deriva. Modos de escuta. Autoimunidade. Corpo em metamorfose.

## ABSTRACT

ALTBERG, Tatiana Macedo. *Modes of hearing: the body as camera or the experience, the game and the thing*. 2022. 158 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This research took place during the first two years of the Covid-19 pandemic, and aimed at reflecting upon the act of wandering, chance and the interaction with the city as starting points for writing. Besides the “shutting down” of the city and the impossibility of wandering and coming across other bodies, in situations mediated by chance, the author’s body, during the period of writing, experienced rare autoimmune diseases that brought her other interdictions and estrangements. Her body started not to recognize itself. Because of this, several questions arose: how to wander about, roam, experience situations that can be narrated and create stories with a body that cannot encounter other bodies and that cannot move? When one’s own body is a strange body, how does one give contour to this experience? To shape these and other questions that arose, while the writing took place and issues regarding personal and collective health intensified, new forms of interaction, other modes of wandering and other possibilities of trajectories were created. The wandering and the games took place with what was at arm’s length: the house, memories, looking out the window, the construction of self-portraits, the images of medical exams and the opening of books by chance as in an oracular game. In this oracular game the main interlocutors were “The Atlas of the Body and the Imagination”, by Gonçalo Tavares and the “I-Ching: The Book of Changes”. However, the most important guiding light in this journey was the body, not only the author’s body in metamorphosis, but a whole lot of other more than human bodies such as ants, trees, minute and invisible beings, as well as human beings such as Stefano Mancuso, Ursula Le Guin, José Gil, Davi Kopenawa, Donna Haraway, Emanuele Coccia, Artavazd Peleshian, Ventura Profana, Regina José Galindo, Eleonora Fabião, Mierle Laderman Ukeles, among others, that accompanied this writing to compose the web or the intertwining of threads that weave this dissertation.

Keywords: Writing the self. Chance games. Self-portrait. The body as camera. Wandering. Roaming. Modes of hearing, Self-immunity. Body in metamorphosis.

## SUMÁRIO

<b>MODOS DE ESCUTA: O CORPO COMO CÂMERA, OU A EXPERIÊNCIA, O JOGO E A COISA (<i>FAC-SÍMILE</i>).....</b>	<b>11</b>
--	-----------